



Estratégias de Sobrevivência Juvenis: produção e (re)invenção do vivido através dos movimentos culturais da periferia de Natal-RN¹.

Julimar da Silva Gonçalves²

Faculdade de Excelência Educacional do Rio Grande do Norte - FATERN

Resumo

O artigo é fruto da pesquisa realizada no mestrado cuja temática abarca juventude e exclusão social. Orientou-se no sentido de captar os sentimentos acerca da pobreza e da exclusão social presentes nos discursos dos jovens. Do ponto de vista teórico-metodológico, buscamos perceber as contradições presentes nos movimentos de jovens em luta pelo reconhecimento social ao mesmo tempo em que se inscrevem e confrontam-se a cenários de precariedades material e simbólica, culminaram na situação que designamos como “vulnerabilidade social”. Apesar desta situação, percebemos que estávamos deixando em suspenso algumas de suas experiências singulares que comportariam outras manifestações que insurgem no meio da expressão de dor provocada pelo sentimento de exclusão e que parece constituir-se num processo de (re)elaboração do discurso acerca da vida cotidiana em seus bairros, suas comunidades.

Palavras-chave

Juventude; Exclusão Social; Vulnerabilidade Social; Vida Cotidiana; (re)invenção

Nos bairros da periferia, dadas as condições socialmente impostas, consideramos que, ao apresentarmos, em um primeiro momento, as experiências, dificuldades, faltas e confrontos cotidianos vivenciados pelos jovens, ou seja, unicamente as experiências sociais negativas, estávamos deixando em suspenso algumas de suas experiências singulares, sobretudo aquelas realizadas por jovens inseridos no Fórum Engenho de Sonhos³. Essas experiências comportariam outras manifestações que insurgem no meio da expressão de dor provocada pelo sentimento de exclusão e que parece constituir-se num processo de (re)elaboração do discurso acerca da vida cotidiana em seus bairros, suas comunidades.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Nordeste 2007, na Divisão Temática Comunicação, Espaço e Cidadania, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Graduada em Ciências Sociais com Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na UFRN. Atua como professora da Faculdade de Excelência Educacional do RN - FATERN. Tem experiência na área de Sociologia e Antropologia, com ênfase em antropologia cultural e urbana, atuando principalmente nos temas: trajetória de vida, mercado de trabalho, desenvolvimento local e organização social do meio urbano. E-mail: julimarg@digicom.br.

³ Apresentamos em nossa dissertação de mestrado cinco narrativas de jovens pertencentes às comunidades da Zona Oeste de Natal e que exerceram a função de articuladores jovens do Fórum Engenho de Sonhos (Fórum Social voltado para o segmento juvenil composto por Ong's de Natal, UFRN, da Fundação Kelloggs e de jovens representantes de cinco bairros da Zona Oeste de Natal). Ao realizarem esse trabalho de articuladores, eles buscavam mobilizar a população juvenil de suas comunidades nos objetivos e atividades propostos pelo Fórum, ao mesmo tempo em que realizam atividades grupais artísticas, culturais e esportivas.



Esse material expressivo nos possibilitou efetuar uma revisão dos seus movimentos cotidianos, bem como das suas inscrições no interior das comunidades. Estamos dirigindo um olhar mais complexificado sobre esse universo juvenil e, conseqüentemente, detectando formas de como os jovens tentam ressignificar certas situações, *a priori* dolorosas, em seu espaço social. Nesse movimento do olhar, o cotidiano passa a ser o “laboratório alquímico das minúsculas criações que pontuam a vida cotidiana, como lugar da ‘recriação de si’ e da manutenção da identidade que permite a resistência”, conforme definido por Maffesoli (2001, p.18). Nesse cotidiano, haveria, então, a possibilidade de gerir, através da ação dos próprios sujeitos, o reconhecimento de si, no sentido de inscrição num movimento, proposto pelo autor, de *fundação* e de *perduração dos indivíduos na sociedade*. Eles se deparam, inevitavelmente, em suas vivências cotidianas, também, com as possibilidades ou chances de viver *permitidas* em seu espaço social. As escolhas e atitudes individuais seriam adaptadas às condições de faltas, situações e relações estabelecidas em seu espaço social. A esse respeito, Bourdieu (1992) esclarece que as escolhas e atitudes individuais – valores constitutivos dos indivíduos – a estão fortemente alicerçadas em sistemas de disposições denominados *habitus*, que podem engendrar, para além das determinações, nos indivíduos a habilidade necessária para almejar sonhos ou objetivos compatíveis com as condições objetivas dadas. Isto significa que esses jovens, deparando-se com condições socioeconômica desfavoráveis, procurariam mover-se dentro do seu espaço social, no sentido de produzir *estruturas de comunicação*, enquanto formas de pertencimento, que os permita re-agir aos problemas que os cercam.

Nessa perspectiva, trazemos cinco narrativas de jovens pertencentes às comunidades da Zona Oeste de Natal e que exercem a função de articuladores jovens do Fórum Engenho de Sonhos. Ao realizarem esse trabalho de articuladores, eles buscam mobilizar a população juvenil de suas comunidades nos objetivos e atividades propostos pelo Fórum, ao mesmo tempo em que realizam atividades grupais artísticas, culturais e esportivas.

Apresentamos as suas experiências de vida, seguindo a orientação definida por Bourdieu (2001b, p.9), enquanto um *olhar compreensivo*. Trata-se de seguir todo o rigor científico tanto quanto à escuta compreensiva como à cautela na exposição de suas palavras, suas “confidências”, suas narrativas. No entanto, procura-se, especialmente, “fornecer os meios necessários para os apreender como necessários” (op.cit., p.10). Ou seja, procura-se não somente os tornar *objeto de estudo ou de análise*, mas, sobretudo,



sujeitos protagonistas da pesquisa, tendo em vista a cautela da *escuta atenta* que segue o sentido de *compreender* para se fazer compreender a sua condição social. Portanto, nosso intuito é o de conseguirmos, através desse procedimento, uma aproximação, tanto o mais objetivamente possível, do vivido cotidiano, quanto o mais subjetivamente *necessário*, da *compreensão*, no sentido proposto pelo autor, das expressões, dos sentidos, dos sentimentos, ou seja, da significação da vida grupal e individual desses jovens.

1. Leco: movimento em busca de aprendizado: vamos contar, agora, um pouco da história de *Leco*, um jovem de dezessete anos, cujo modo de ser diferencial é a sua enorme facilidade em trabalhar com grupos de jovens, uma experiência que tanto valoriza. Sua mãe é pensionista, e na sua casa somente o seu tio, diz *Leco* é “*que trabalha*”. Quanto à renda em casa: “Mãe fala assim: - “Dá pra gente passar, apertado, mas dá pra passar”. Na sua comunidade, desde pequeno participa das atividades da igreja: “eu sou coroinha da igreja”, além disso, faz parte do grupo de jovens. Sente que a “vida no bairro é boa”, já que lá tem “vários amigos”. Certo dia, através de um colega, pôde entrosar-se, ainda no começo, com os organizadores e educadores do que viria, mais tarde, a ser o Fórum Engenho de Sonhos”. Naquele momento inicial, participou dos seminários e da mobilização realizada pelo Fórum em sua comunidade, conforme afirma “*Participei do grupo de trabalho, trabalhei junto com educadores, basicamente, o pessoal. Foi no apoio, apoiando os educadores que a gente foi mobilizar os jovens lá no Jean Mermoz [Escola](Informação verbal)*”

Desde então, vem conquistando o seu lugar no Fórum, fazendo “parte da Articulação Jovem, que é da Comissão, e sou assim o que tá mais à frente, eu e mais dois tamos mais à frente do trabalho”. Nesse trabalho de articulação, - segundo ele mesmo, “articular é trabalhar” -, organiza reuniões, eventos, mobiliza jovens na busca de resolver coletivamente os problemas e as dificuldades da sua comunidade. O Fórum Engenho de Sonhos, para *Leco*, é lugar de aprendizado, onde se adquire experiência e onde pode orientar-se para a prática da solidariedade, ajudando os jovens da sua comunidade, mobilizando-os para participar de eventos nos bairros, dos grupos de capoeira, dos grupos de quadrilha, dos grupos de jovens. *Leco* sente-se contribuindo para a integração dos jovens da comunidade nos ambientes de aprendizado, onde cada um se agrupa de acordo com as suas afinidades e aptidões. Acredita, dessa forma, contribuir para evitar que os adolescentes se envolvam com a violência, com as drogas,



com a marginalidade. Como *Leco* faz isso? Como se aproxima deles? Como consegue atraí-los?

A gente mobiliza os jovens do próprio bairro que a gente conhece, daí, vai passando, esse jovem que tem amigos já, vai chamando os amigos pra gente participar da reunião que a gente faz. Alguns jovens se atraem quando a gente vai falar sobre violência, teve uma vez que a gente fez a reunião pra falar sobre violência com os jovens.

(Informação verbal)

O tema da violência é, para ele, uma forma de atrair os jovens, por ser um assunto que provoca a curiosidade, mesmo quando faz parte do cotidiano da comunidade como um fato corriqueiro. *Leco* preparou-se para isso: participou da oficina de direitos humanos num seminário cujo tema central foi esse. Além dessa presença em eventos de capacitação, outro fator ajuda no desenvolvimento do seu trabalho na comunidade, muitas pessoas na comunidade “não concordam com a marginalidade”, não a vêem sem solução e ainda “não [a] banalizaram”. Quando indagado sobre exclusão e discriminação, responde que não gosta de excluir ninguém e que sabe que muitas pessoas estão fazendo coisas erradas, porque foram excluídas. No seu grupo, não importa quem seja o jovem, será aceito. *Leco* diz ter uma grande habilidade para o esporte, participa de uma academia de judô, esporte que o ajuda a “se acalmar”. Ele também está concluindo o segundo grau e quer prestar o exame vestibular, para o cursar Informática: “sem estudos a pessoa não é nada”, definindo-se como alguém que gosta muito de estudar. O sonho de ser “campeão” é um contraponto para uma realidade que ele ressentido como “bem dura”, “bem sofrida”:

(...) Esse é o sonho que realmente eu tenho é ir pra todo mundo, é um dia conseguir ir pra uma competição mundial, como eu tô tentando, se Deus quiser irei, e ser campeão brasileiro de judô. É cada vez mais difícil, mas se Deus quiser eu chego lá.

(Informação verbal)

O seu projeto de vida é casar, ter filhos, trabalhar com informática, praticar judô e, se não passar no vestibular, tentar um concurso. Não obstante, além dos sonhos e objetivos pessoais, *Leco* também aspira ao bem coletivo, expressando desejos de mudança, sonhos por uma vida melhor, mais digna dentro de sua comunidade, como a mudança do padrão da escola pública do seu bairro, bem como mais união entre as pessoas do Engenho de Sonhos, de modo a assegurar mais oportunidades de tirar os jovens da marginalidade.

2. Grupo de jovens, coral, quadrilha, Engenho de Sonhos... tudo isso é

Esperança: Jovem simpática e alegre que adora dançar quadrilha e participar das reuniões de jovens que discutem sobre sexualidade, essa é *Esperança*. Na ocasião de



nosso contato, inicialmente, pareceu-nos apreensiva, mas logo relaxou e contou-nos um pouco de sua história. Residente, desde os sete anos, em Cidade Nova, *Esperança* diz gostar muito de morar lá. Mora com a avó, a bisavó, duas irmãs, tios e três primos. A sua mãe mora com o atual marido, em uma casa próxima à sua.

Para ela, seu bairro “não é muito violento, não”, mas ele é muito conhecido como tal, pois o “que acontece de ruim a reportagem cai em cima pra mostrar”. Ela retruca que o que realmente acontece de bom, como o Fórum Engenho de Sonhos, a mídia não procura saber: “só passa porque a gente corre atrás”. Na sua comunidade, existem grupos de capoeira, de teatro e de quadrilha, “sendo juntamente com as escolas também”. Ela acredita que “o bairro é esquecido por esse lado” e que as pessoas não são bem informadas sobre o que realmente acontece no local. Segundo ela, essa discriminação se deve ao lixão: “como se todo mundo que morasse em Cidade Nova vivesse lá no Lixão”. Apesar disso, diz reconhecer que existem muitas pessoas que “não têm condições” e vivem lá. Ao indagarmos sobre a sua percepção dos jovens de sua comunidade, disse-nos que tem “vários tipos”: uns que ficam mais tempo em casa; outros que vivem mais soltos na rua e se envolvem com drogas ilícitas; e, ainda, aqueles que têm muita *esperança* de mudar e melhorar o bairro. Este, por sua vez, é o caso dela, pois deseja mudanças e melhorias para o local: melhores professores nas escolas, mais segurança, mais médicos para o atendimento no posto de saúde, quadra de lazer e limpeza, seguidas de conscientização por parte das pessoas da comunidade.

Identifica-se com atividades que envolvam grupos de jovens. Participou do grupo de adolescentes sobre sexualidade realizado pelo posto de saúde do bairro e do coral Canto Jovem. É engajada nas atividades da igreja católica, ensinando catequese. Ainda participa, durante os finais de semana, da quadrilha junina. Já, no Engenho de Sonhos, faz parte da articulação jovem em seu bairro, mobilizando jovens em torno das questões locais existentes. Diz sentir-se muito importante por desenvolver trabalhos junto aos adolescentes:

É esclarecimento assim, prevenção, porque a gente não fala assim: - “Ah, você não pode transar e tudo...” A gente passa aqui que ele tomar os cuidados, né? Se ele quer, se ele tá vendo que é a hora, o que a gente mais fala é assim, porque se a gente falar: - “Ah, não pode, não pode, não pode”, eles vão fazer do mesmo jeito, né? Então a gente tenta colocar na cabeça deles, assim, que ele vai fazer na hora certa. Sabe assim, que vai passar por todas as transformações, o seu corpo também. Que não é só pra fazer só por fazer, pra satisfazer o homem, ou... Porque, sabe? E é mais menina que participa desses grupos assim, então coloco bem isso. (Informação verbal)

Quanto aos estudos, admitiu que já foi muito preguiçosa, mas, a partir deste, ano começou a levar os seus estudos a sério. Sonha em formar-se em Psicologia, pois acredita que, estando nessa área, poderá continuar a trabalhar com adolescentes, como no grupo que trabalhou sexualidade. Também pensa em casar e ter filhos.

3. Pedro: hoje eu sou muito feliz: “A minha vida deu uma virada, entendeu, quando eu comecei a me amar, a me olhar mais”, Pedro atribui a essa descoberta o recomeço da sua vida. Atualmente, ele está com trinta e três anos. Nota-se que a sua faixa etária é elevada, comparativamente aos demais jovens que compõem o universo do nosso estudo. Isto, porque a faixa etária não se constituiu enquanto um fator determinante para a realização da entrevista, mas, sobretudo, a disposição em concedê-la, sendo ainda consideradas, particularmente no seu caso, a trajetória e as experiências de vida. Assim, começamos a narrativa pelas suas ousadias juvenis.

Veio do interior com a mãe, aos sete anos de idade. Único filho criado por ela (os outros três irmãos, entregou-os para outras pessoas criarem), morava com ela e o padrasto em Bom Pastor, depois se mudaram para as Quintas e, atualmente, moram em Felipe Camarão, sempre na Zona Oeste. “Com dezesseis anos já era vândalo”, Pedro afirmou categoricamente. Contou-nos que, a partir dessa idade, já andava com “galera” e era “entendido no assunto”, tentando mostrar que conhecia as artimanhas das gangues dos bairros. Por isso, logo se tornou líder de gangue, posição que o tornava “reconhecido no bairro”. Nas disputas e rixas entre as gangues, Pedro gostava de “pegar o cara mais confuso, ou mais calado, ou mais perigoso”, não gostava de “machucar gente inocente”. Por ter um “senso de justiça” aliado ao “comportamento frio e calculista”, conquistou o respeito dos outros “caras” e da comunidade: “E por ter esse senso de justiça e tal, a galera sempre procurava a mim”. Sua função na gangue era dar proteção à área, ou seja, ao espaço da comunidade por eles delimitado.

Quando nos falou sobre a relação das gangues com as drogas, assumiu que, na época em que morava nas Quintas, foi usuário de cocaína, mas deixou, após perceber que lhe fazia mal:

Quando vivia lá pelas Quintas, cheguei a usar coca, e tava fazendo mal e tal, graças a Deus eu tenho um sistema imunológico de não se viciar rápido, eu tenho um grande poder, graças a Deus, eu digo isso com todo orgulho, eu tenho um grande poder de autodomínio. (Informação verbal)

Pedro afirma que deixou de roubar. No entanto, sempre gostou de brigar, de deixar o bairro protegido de outras gangues. Diz sempre ter gostado dessa posição, mantendo-a até hoje, embora não mais pertença a uma gangue, fato esse que o torna



“bem visto” na comunidade: “(...) *mantenho essa posição hoje, com uma diferença: hoje eu tenho um trabalho, tenho uma coisa bonita com a mocidade, uma história (...)*”

Acredita que o Engenho é um espaço de muito aprendizado, pois não oferece “as coisas prontas” aos jovens, apenas dá oportunidades para que eles descubram os seus potenciais, esclareçam-se e possam descobrir os seus próprios meios de trabalho. Ilustra com a sua própria história para exemplificar isso: Pedro já fazia capoeira, há mais ou menos dez anos antes de frequentar o Engenho. Trabalhava como auxiliar de serviços gerais e depois foi engomador em uma fábrica de confecções; à noite, praticava capoeira. Após conhecer o Engenho e tornar-se instrutor de capoeira, sente ter ampliado o seu círculo de amizade. Hoje, é remunerado, realizando essa atividade. Afirmou reiteradamente que se considera “bem visto” por todos. Sente-se gratificado por obter reconhecimento na sua comunidade.

Embora se considere “bem visto”, acha que há, ainda, pessoas na comunidade que não o vêem bem, porque já foi muito violento. Porém, acredita que isso esteja mudando, devido à sua aparição na televisão, por ocasião das entrevistas sobre os trabalhos que está realizando na comunidade, a partir do Engenho de Sonhos. Além disso, sempre que conversa com as pessoas, tenta mostrar o seu interesse de mudar o bairro. Mesmo assim, sente-se indignado, porque sabe que não se pode parar a violência do dia para a noite. Todavia, na sua percepção, individualmente os jovens que hoje moram na comunidade criam meios para sobrepujar a condição de pobreza: “alguns mais audaciosos inventam alguma coisa, se viram, outros pedem ajuda de alguém, da família, e uma pouca porcentagem acha que o bom é dar tiro, assaltar, cheirar cola, fumar maconha, fumar crack...”. Não obstante, certos jovens ainda escolhem, como disse *Pedro*, a marginalidade como meio para “conseguir vencer”. Ele observa que os mais novos estão “muito perdidos”, sem orientação. Devido a isso, entram muito facilmente em “trabalhos” dentro da marginalidade. Compara isso ao que lhe aconteceu no passado, considerando que isso ocorria porque não via outras oportunidades para si mesmo. Brigava muito com sua mãe, várias vezes, mas hoje lhe é grato, por ter conseguido “sair dessa vida”, por encontrar emprego. Foi após uma briga séria com a mãe que *Pedro* saiu de casa e só voltou quando conseguiu emprego. Dificuldades para estudar, ele afirma que sempre teve, mas não concorda em pôr a culpa nas limitações do sistema de ensino. Acredita que, se não fez muito, foi por “falta de força de vontade”:

Porque, se você é capaz de cavar um buraco com as mãos, você é capaz de cavar com a pá, certo? Então, se você é capaz de chegar a faculdade, entendeu,



sua força de vontade, seu querer mesmo, com ajuda de alguns professores, chegará cara, tá entendendo? (Informação verbal)

Uma das razões que também levou *Pedro* a procurar um emprego foi o fato de achar-se “diferente” das outras pessoas. Afirmo que, antes, criava uma barreira entre ele e ou outros, porque se sentia discriminado com o olhar dos “ricos”: “aquilo discriminava a gente”. Com o tempo, esse sentimento de rejeição se foi relativizando e aumentando o seu desejo de não se sentir diferente: “Aí, eu disse... Aí, eu: - Olha, cara, presta atenção! No shopping, mesmo que você esteja com dinheiro, mais os caras saca quando você é da elite”.

Pedro faz uma comparação entre o seu presente e o seu passado: quando, ao ver suas fotos, uma recente e outra antiga, sente a diferença entre elas, meramente física, pode ser facilmente percebida por quem o conhece. Todavia, ele costuma dizer que a real diferença não é o que aparece nas fotos, mas o fato de “não mais se sentir preso” a vida que levava antigamente, e de, hoje, estar tranqüilo: “*Hoje eu sou muito feliz*”.

4. *Jari*: “meu sonho é ter meu próprio negócio”: *Jari*, a jovem articuladora de Cidade da Esperança, espera conseguir, através dos estudos a competência necessária para adquirir o seu próprio negócio:

Eu vejo muito por esse lado assim que se a pessoa tem estudo, não compete pra arranjar um emprego... Até mesmo a pessoa que vai trabalhar autônoma, ela vai ter que saber alguma coisa, tem que saber se virar tem que ter lábia, tem que... A gente aprende na escola isso. (Informação Verbal)

No entanto, mostrou-se preocupada em relação à aquisição do conhecimento nas escolas públicas do bairro, tendo em vista que os professores “não tem obrigação com o aluno”, fato que dificulta, para ela, o comprometimento discente com os estudos já “que não se tem aquela obrigação de pegar no caderno pra estudar”. Jovem muito envolvida com a comunidade, já participou do Conselho de Segurança Comunitária, do grupo de catequese da igreja, e, eventualmente, de atividades do Câmara Cascudo, uma Organização Não-Governamental que oferece cursos de alfabetização à comunidade. Porém, partindo dessas experiências anteriores, sobretudo daquelas que envolviam jovens, como o grupo de jovens da igreja, na catequese, considera que não “via os jovens agir”, no sentido de identificar as dificuldades e problemas existentes na comunidade ou de ter “vontade de fazer alguma coisa enquanto jovem”.

No entanto, no movimento de articulação jovem do Engenho de Sonhos, ela observa um diferencial: a oportunidade de articular os jovens da comunidade em prol de uma ação conjunta, um consenso, um agir para resolver os problemas locais. Por



exemplo, lá encontrou condições para elaboração de um projeto para a reconstrução da área de lazer que está abandonada. Com o desenvolvimento desses trabalhos, a opinião sobre os jovens da própria localidade e dos bairros vizinhos é reformulada. Assim, *Jari* sente-se importante e gratificada por poder reconhecer as similaridades existentes entre eles. Para exemplificar esta afirmação, ela os compara com a população juvenil do bairro de Guarapes:

Tem jovens que julgavam as pessoas do Guarapes, achavam que só tinha marginal, como também o pessoal do Guarapes achava que aqui na Cidade da Esperança só tinha marginal também e a gente vê que a realidade é outra totalmente diferente. Então, você se sente gratificado por saber que tem pessoas iguais a gente em outros bairros. (Informação verbal)

Contou-nos sobre a sua primeira experiência profissional, trabalhou em uma empresa que prestava serviços à Cia. de Energia do RN (Cosern). Lá, conta, passou muito “sufoco”, pois, assim como outros colegas de trabalho, ela era menor de idade. Quando o Juizado de Menores visitava a empresa, eles eram escondidos em uma sala; caso contrário, se fossem descobertos, a empresa seria punida com uma multa. De qualquer forma, diz: “era legal”.

Atualmente, ela não trabalha e a sua casa é composta pela mãe, avós e tios. A mãe é auxiliar de professora; a tia é professora; o tio “faz uns bicos” como cantor; e os avós são aposentados. Não conhece o pai, sabe apenas que mora em São Paulo. Revela que, na sua família, está o apoio para as suas escolhas:

Minha família é muito importante porque qualquer escolha que eu faço na minha vida eles apóiam, o que eu for fazer, eles vão me apoiar. Então, portanto assim, me dão coragem pra eu, pra eu insistir nos meus sonhos, não deixar desistir. (Informação verbal)

Ao contar-nos um pouco sobre a sua vida na comunidade, afirma considerar a Cidade da Esperança como um bairro “bem estruturado”, no sentido de ter postos de saúde e um terminal rodoviário. Entretanto, a falta de participação da comunidade em tudo o que diz respeito ao bairro, como a questão do lixo nas ruas, agrava ou impossibilita a resolução dos problemas. Entre estes, ela ressalta a crescente propagação da violência, através de assaltos e roubos de casas. Indigna-se também com o trabalho realizado por certos agentes policiais que “não distinguem quem é mocinho ou bandido” ao abordarem os jovens do bairro. Ao encontrarem os *skatistas*, relata, “devido ao modo como se vestem, as roupas folgadas, os [policiais] agredem os *skatistas* fisicamente, sem nenhuma justificativa”.



Ao indagarmos sobre a pobreza, representou-a concretamente, tomando, por base, a favela do Detran, existente em seu bairro. Associa pobreza e exclusão, na medida em que percebe que as pessoas da sua comunidade discriminam os moradores da favela: “o medo do pessoal da favela, fazendo um bicho de sete cabeças com o pessoal da favela, como se não existisse humano morando lá dentro”.

5. Aldo: o Hip Hop é o seu movimento: O hip hop diz: “sou contra a violência/a favor da paz/pedimos mais justiça/prá viver mais”. Assim, *Aldo* expressa nas letras musicais as experiências vividas na sua comunidade, bem como a vontade de melhorar o seu cotidiano:

A comunidade da gente é isso, é violência, é droga, é tráfico, então a gente luta contra isso, contra tudo isso. Apesar de tudo, da gente não ter uma estrutura forte pra lutar, tá entendendo? Mas a gente tem a ideologia, a mente, como pensar, como trabalhar com a mente. Porque eu acho que a maior estrutura que a gente tem é a mente da gente, como trabalhar com o jovem e com a comunidade além de tudo. (Informação verbal)

Para *Aldo*, o hip hop ajuda a abordar os problemas comunitários entre os jovens ao mesmo tempo em que os “retira da marginalidade”. Na comunidade em que vive, os Guarapes, existem inúmeras *faltas*. Ele enumera algumas delas: segurança, transporte, iluminação pública, violências diversas entre os jovens, além da policial. Então, percebemos que, para *Aldo*, no hip hop, está contida a centralidade de um duplo vivido: o movimento da sua individualidade aliado ao da sua comunidade. Quando ele fala, a sensação que se tem é a de que os conteúdos fluem musicalmente, como o rap.

Movimentos e (re)invenção de práticas juvenis: focalizando a significação de suas ações.

A partir das suas narrativas, percebemos que todo o processo de exclusão social, advindo das diversas faltas a que são submetidos os jovens da periferia, reverte para eles próprios naquilo que Takeuti (2002, p. 153) define como o “estigma de delinqüente e perverso, antes mesmo de seu nascimento”. Conforme a autora, quando esses jovens são submetidos ao processo de *estigmatização* e ao *desprezo social*, o seu *processo de construção identitária* se configurará a partir de um *olhar social negativo*, que lhes imputa o *significante da marginalidade*, remetendo-os, a priori, para um *lugar social simbolicamente desvalorizado*. Então, esse *significante da marginalidade*, sempre será “carregado” por ele, determinando, incondicionalmente, o seu lugar social. Desse modo, a construção de uma rede de relações afetivas e sociais no interior da própria



comunidade que lhes permita confrontar-se positivamente com essa “marca”, que lhes é previamente imputada, torna-se imprescindível para esse contingente populacional em estudo.

As relações afetivas e sociais entre os jovens articuladores, no interior das suas comunidades, formaram-se a partir da necessidade de criar estratégias de sobrevivência, ou seja, de modo a movimentar-se no sentido da superação das faltas materiais e simbólicas, impostas pelo lugar social que ocupam. Não estamos, evidentemente, argumentando que, por isso, eles tenham o discernimento de todo o processo, sobretudo daquilo que denominamos de processo de superação. O que se sabe é que eles sentiram a necessidade de constituir dispositivos lúdicos individuais e coletivos (pequenos grupos) para (re)criar formas de atuação nas comunidades. Para isso, não hesitaram em conjugar-se aos propósitos do Fórum Engenho de Sonhos, cujos eixos de ação requerem a presença de jovens protagonistas em cada bairro contemplado por suas ações.

Sposito (1994) lança luz sobre essas novas formas de (re)criação de práticas, quando, ao investigar a situação cotidiana de jovens caracterizados pela exclusão social, demonstra como eles buscam construir, através da dança e da música rap, um espaço vivenciado, sobretudo na rua, que seja capaz de estabelecer vínculos entre eles. Para a autora, num dado momento de comunicação entre os membros do grupo e o público, ocorreria uma certa integração à sociedade. Os jovens que ela menciona, organizados em grupos, apresentam-se nas ruas do centro de São Paulo e expressam, através de suas músicas, o desejo, a insatisfação, as alegrias e tristezas, por eles vivenciadas no dia-a-dia, colocando, a partir daí, a sociedade a par de suas faltas sociais e simbólicas. Nesse momento, ocorreria, do ponto de vista simbólico, uma significativa integração social, pois conseguiriam, pela via do lúdico e da arte, uma visibilidade social positiva.

Nesse sentido de problematização, tomamos as narrativas das experiências dos jovens articuladores das comunidades da Zona Oeste de Natal que são contempladas pelo Fórum Engenho de Sonhos: as suas práticas culturais (quer seja no grupo hip hop ou no grupo de jovens da igreja) sinalizam as suas produções de estratégias de enfrentamento dos problemas vivenciados concretamente na sociedade. A sua aproximação em relação ao Fórum Engenho de Sonhos demonstra que eles compreendem ou, ao menos, vislumbram a necessidade de construir *redes de comunicação* que extrapolem o espaço do seu *habitat* originário. Note-se que, ao mesmo tempo em que se movimentam espontaneamente em grupos de igreja, de



Organizações Não-Governamentais, de dança como o hip hop ou de capoeira, eles buscam uma vinculação institucional junto ao Engenho. Este lhes propicia legitimidade e reconhecimento nas suas comunidades. Adquirem, a partir das trocas de experiências vivenciadas no Fórum, um *suporte social*, do ponto de vista simbólico, que os fortalece frente às adversidades sociais impostas.

Em suas narrativas, explicitamente eles ressaltam a importância dos trabalhos realizados no e pelo Fórum e de como, a partir deles, almejam envolver outros jovens de suas respectivas comunidades. Percebe-se que o seu envolvimento espontâneo com grupos de jovens da igreja e atividades em prol da própria comunidade gera no jovem o sentimento de compromisso que o torna *capaz* de engajar outros jovens:

Articulação é trabalhar... São dez jovens na comissão: três são os três que ficam mais de frente pra organizar reunião, eventos, essas coisas. Tem as reuniões e a gente faz as pautas, daí a gente vai criar, fazer um evento [...] É através do Engenho... Eu tô adquirindo mais experiência, vai ser muito bom pra mim no futuro, e outro porque eu tô ajudando até os jovens da comunidade...

(Leco – jovem articulador de Bom Pastor)

Vimos com *Aldo* que, no bairro de Guarapes, se formou o grupo de hip hop⁴, cujo “objetivo comum” é o de fazer “oposição ao sistema capitalista e suas formas de opressão”⁵. Não se trata aqui de questionar a amplitude dos seus objetivos, mas o de salientar o que eles realmente estão almejando: o reconhecimento dos membros de seu grupo de hip hop na própria comunidade e quiçá, nas circunvizinhanças! Neste grupo, o jovem articulador ressalta a valorização do trabalho por ele desempenhado, mas, sobretudo, pelo grupo, que objetiva impedir, através do hip hop, que mais jovens de sua comunidade se envolvam com as drogas. Pretendem realizar um trabalho que busque “conscientizar o jovem politicamente”, para que “eles se percebam” na sociedade e sejam por ela percebidos, não só pelo “avesso”, como chama atenção Takeuti (2002, p.234-236), reportando-se às *significações imaginárias sociais* existentes na sociedade brasileira relativamente aos jovens das periferias urbanas pobres. Em contraposição à condição social que lhe é imposta, *Aldo* acredita que, ao “invés do jovem estar se drogando, lá no grupo ele tá pensando em como aprender um passo novo, como escrever uma letra de RAP, como fazer um squash com o DJ, como abrir um trabalho de artes plásticas com o grafite, trabalho de conscientização política, também”. Nesses

⁴ Conforme Diógenes (1998), Hip Hop quer dizer saltar(hip), mexendo os quadris(hop). Utiliza três matizes de manifestação cultural: a dança, a música e o grafite. Tem como idéia básica constituir canais de atuação e de aglutinação entre os jovens através da cultura e da arte.

⁵ Objeto colocado pelo membro do grupo de hip hop.



trabalhos, o Fórum é, por eles, reconhecido e valorizado pelo apoio e incentivo que ele propicia para a realização das atividades grupais.

Certeau (1994) elucida sobremaneira as questões pertinentes às práticas cotidianas, quando recorre às ações táticas para evidenciar a significação de práticas astuciosas, evadidas de interesses, desejos, objetivos que não são, necessariamente, determinados pelos lugares nos quais se desenvolvem. Segundo este autor, a noção de tática permite apreender uma maior mobilidade e uma certa fluidez das práticas devido a não-fixação dos indivíduos a um lugar ou espaço social determinado.

É nessa mobilidade que procuram se inscrever os jovens articuladores do Fórum Engenho de Sonhos, haja vista que eles estão orientados para interagir com jovens de outras comunidades, contempladas nas ações do Fórum, intercalando seus interesses particulares e coletivos nas *táticas e práticas cotidianas*. Graças às *táticas*, os jovens articuladores vislumbram conquistar espaços para a realização de ações criativas que lhes tragam o sentimento gratificante de estar sendo útil e importante na e para a sociedade. Em Cidade Nova, vimos organizado um grupo de estudo sobre sexualidade, no qual *Esperança*, a jovem articuladora, se sente reconhecida pelo trabalho que desenvolve:

Eu me sinto importante pra alguma coisa, eu creio que tem muitos jovens que não fizeram a metade das coisas que eu faço, assim, antigamente tinha rivalidade entre pessoas de bairros diferentes, hoje em dia não existe, conhecer a realidade também de outros bairros, também como o do Guarapes. (Informação verbal)

Nesse momento, trata-se, para nós, de perceber a gênese de uma significação maior das experiências de organização grupal desses jovens da periferia. Em um contexto de diversidades, representado pelas diversas *faltas* existenciais e materiais da realidade cotidiana, os jovens procuram movimentar-se, dentro de suas possibilidades, em prol do que Maffesoli (2001) define como *querer viver humano*. O autor sugere que a vida humilde somente se torna possível graças à “uma força mágica, poética que os alimenta sem cessar” (2001a, p.107). Essa *força mágica* persistente na vida cotidiana pode ser percebida como a *propulsão da dinâmica de (re)invenção de práticas* dos jovens articuladores que, embora realizadas num espaço social desfavorecido e não reconhecido pela sociedade, ressignifica suas ações e suas percepções em relação à sociedade.

A composição desses grupos de jovens, poderíamos dizer, integrados com um único objetivo, no interior da comunidade, implica em reconhecermos um modo de



organização maior, no qual seu fim é a promoção do *pertencimento social* e, ao mesmo tempo, a resolução dos problemas cotidianos coletivos. Os momentos de produção artística e esportiva grupal é, assim, um instrumento através do qual eles se (re)inventam no seu espaço social. Se as estratégias, em certa medida, *planejadas* pelos jovens, por um lado, os conduzem a uma (re)criação de práticas individuais e coletivas cotidianas; por outro, desdobra-se na sutileza de uma lógica maior de sobrevivência social: o equilíbrio na tensão existente entre a busca de resolução das dificuldades presentes no dia-a-dia e a busca incessante pela obtenção do reconhecimento social. Esse movimento, representado através da luta pela sobrevivência, pela superação dos obstáculos impostos aos jovens da periferia, é traduzido pela noção de *socialidade* que, conforme Maffesoli (1987), engendraria a lógica social.

No grupo de *hip hop*, por exemplo, os jovens orientam suas práticas no sentido de construir novas formas de comunicação, vivendo intensamente o instante presente, mesmo porque o devir é bastante incerto!

É, exatamente, sobre essas práticas cotidianas Michel de Certeau (1994) ressalta a importância da inventividade humana calcada em ações *táticas* capazes de “fornecer uma estrutura para a experiência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade” (1994, p.200). Desse modo, apreendemos nas práticas cotidianas a significância das ações humanas nas quais, tratando-se dos jovens articuladores, estas permitem o aprendizado individual e coletivo contínuo, bem como o volver das motivações individuais no sentido de superação do sentimento de exclusão imposto a partir das contradições socioeconômicas.

Na sua narrativa, *Pedro* contou-nos que, em um dado momento de sua vida, ao ser líder de gangue, vivenciou inúmeras situações de risco, com perigos eminentes de morte: confrontos com outras gangues, com a polícia, sendo até atingido por balas em tiroteios. Essas experiências *transgressoras*, para ele, deveriam servir como exemplo para que mais jovens de sua comunidade possam refletir os perigos da transgressão. Em seu relato, demarca bem o tempo passado, o que foi, e o presente, o que é, atribuindo sua mudança a uma “força de vontade interior”. E essa força de vontade do narrador, na esteira de Maffesoli (2001), deve ser compreendida como o *querer viver*. Viver o instituído e o não-instituído, valorizar cada momento da vida cotidiana no sentido de superar-se (capacidade de enfrentamento diante das adversidades) por mais dolorosos que possam ser, frente às dificuldades e problemas existentes, seria, segundo o autor, a tentativa de *resistir à domesticação* num processo de interação entre a vida cotidiana e



os percalços nela existentes. Por essa capacidade de (re)invenção de práticas humanas e, sobretudo, de enfrentamento das dificuldades impostas na cotidianidade, o autor argumenta que graças, ao *instituinte*, ou seja, à capacidade do indivíduo de inventar e (re)inventar seu movimento na sociedade, é possível superar, em certos momentos, o *instituído*, representado pelas normas e regras da sociedade. Caso contrário, seria aniquilada a *força criadora da vida* qual seja o próprio indivíduo.

Na abordagem de Certeau (1994) vimos que a *bricolagem* da vida cotidiana permite a *gestação de jogos sociais*, implicando na “manipulação” do *instituído*, nos quais os indivíduos se movimentam, no sentido de propiciar, espontaneamente, a criação de práticas diferenciadas em espaços sociais determinados. Essa “manipulação” do *instituído* representa a eficácia do *querer viver*, apesar de todas os percalços cotidianos. Compreendemos que, para esses jovens, os seus movimentos não são realizados no sentido de uma certa acomodação a uma condição social desfavorecida, mas de uma imposição inovadora e (re)criadora frente a essa, que, objetivamente, é constatada por eles mesmos enquanto a sua condição social.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva S.A, 1992.
- _____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- _____. (Org.). **A miséria do mundo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001b.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.
- FÓRUM ENGENHO DE SONHOS DE COMBATE À POBREZA. Relatório Diagnóstico da Zona Oeste de Natal-RN. Natal, mar/abril, 2002.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. São Paulo: Ed. Cortez, 1987.
- _____. **A conquista do presente**. Tradução de Alípio de Souza Filho. Natal: Ed. Argos, 2001.
- SPOSITO, M. P. A Sociedade Juvenil e a Rua: Novos Conflitos e a Ação Coletiva na Cidade. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v.5, n.1-2, p. 161-178, nov. 1994.
- TAKEUTI, Norma Missae. **No outro lado do espelho social: a fratura social e as pulsões juvenis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal-RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.